

A Alemanha unificada: trave-mestra da *Nova Europa* ou gigante *über alles*? O debate na imprensa periódica portuguesa

ANA LUÍSA SANTOS FREIRE Mouro*

PALAVRAS-CHAVE: Unificação Alemã, União Europeia, Imprensa periódica portuguesa.

KEYWORDS: German Unification, European Union, Portuguese press.

«L'Allemagne est d'Europe, sans l'Allemagne il n'y a pas d'Europe, sans l'Europe il n'y aura pas, il n'y aura plus de grandeur allemande.»

François Mitterrand, 1986¹

A queda do muro de Berlim a 9 de novembro de 1989, bem como a consequente Unificação dos dois Estados alemães a 3 de outubro de 1990 foram dois marcos históricos que impulsionaram simultaneamente a constituição de uma Alemanha que então conquistava o papel de motor da Europa e o chamado projeto europeu. Com efeito, a profunda transformação política e social que então se operou em terras de além-Reno redundou no fim da Guerra Fria, alterando, com uma rapidez surpreendente, a paisagem geopolítica do Velho Continente. A Unificação Alemã e a unidade da Europa surgiam assim como duas faces da mesma moeda. Sintomaticamente, a primeira instituição europeia a pronunciar-se sobre a possibilidade de uma união dos dois Estados alemães

* Docente da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (ESTGA), Universidade de Aveiro. Membro do Centro de Línguas e Culturas do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro (CLC). Este artigo enquadra-se num trabalho de investigação que está a ser realizado pela autora no âmbito da sua dissertação de Doutoramento, sob a orientação da Prof.^a Doutora Ana Maria Pinhão Ramalheira.

¹ «Réflexions sur la politique extérieure de la France», *apud* Bruck, 2003: 7.

foi o Parlamento Europeu (cf. Birchen, 2009: 5). Note-se que, muito embora os chefes de governo das quatro forças aliadas que ocuparam as duas Alemanhas após o fim da Segunda Grande Guerra sejam ainda hoje reconhecidos como os verdadeiros arquitetos da Unificação Alemã, não deverá ser obviamente subestimado o contributo da própria Comunidade Económica Europeia que, antevendo e compreendendo as consequências que uma reunificação da Alemanha teria no futuro da Europa, se empenhou fortemente na condução política daquele processo (cf. *ibid.*, 2009: 5).

O projeto de integração europeia tinha como imperativo categórico a construção da chamada «Europa Nova» (cf. Félix et al., 1992: 5), um espaço simultaneamente marcado pela diversidade e pela unidade, no qual seriam assegurados «os princípios da dignidade humana» (*ibid.*) e as nações se desenvolveriam em «interacção, mútuo auxílio, cooperação e paz, fecundos e duradouros» (*ibid.*).² Esta ideia subjaz à discussão acerca da chamada Questão Alemã, que teve lugar no Parlamento Europeu, a 8 e 9 de dezembro de 1989. Muito embora os ministros aí presentes tivessem expressado o seu apoio à reunificação das duas Alemanhas, logo exigiram a garantia de que o povo alemão respeitaria as fronteiras existentes, seguindo, aliás, os princípios de defesa e cooperação definidos no Ato Único Europeu (cf. Birchen, 2009: 8).³ A Unificação tornou a Alemanha no Estado mais populoso da Comunidade Europeia, com 78 milhões de habitantes, por oposição aos cerca de 57 milhões de cada uma das principais nações europeias, designadamente a Grã-Bretanha, a França e a Itália. Esta alteração redundou num significativo aumento de representantes alemães no Parlamento Europeu, que passaram de 81 para 99 (cf. Duff *et al.*, 1996: 13). A Alemanha que então se agigantava no espaço geopolítico e económico europeu despertava simultaneamente velhos fantasmas entre os seus parceiros da Comunidade, que temiam um possível revisionismo

² As citações que se encontram neste trabalho serão apresentadas em conformidade com o seu original, não seguindo por isso, ao contrário do restante texto, o novo acordo ortográfico.

³ O Ato Único Europeu, assinado a 17 de fevereiro de 1986 (ano da adesão de Portugal à Comunidade Europeia), na cidade de Helsínquia, pelos doze Estados Membros da Comunidade Europeia, visava incutir uma nova dinâmica na construção comunitária. Ansiava-se por uma União de Estados da Europa, que teria como principal objetivo a definição de uma política externa e de uma política de defesa comuns. A cooperação entre os Estados seria alargada aos domínios da cultura e investigação e ainda ao domínio da democracia, sendo protegidos os direitos do homem e as liberdades fundamentais (cf. Ramos, 1986: 8, 9, 13).

alemão.⁴ A propósito deste sentimento de desconfiança, que sugeria que a nova e benigna identidade alemã, mais não seria do que uma tentativa disfarçada de fortalecer progressivamente o seu poder, o especialista em política europeia e estudos alemães Jeffrey Anderson⁵ clarifica, na sua obra *German Unification and the Union of Europe*, que o verdadeiro perigo de uma reunificação da Alemanha longe do olhar das instituições europeias não seria o regresso do III Reich, mas sim a emergência de um outro Reino Unido, um parceiro que sempre se tinha demonstrado profundamente cético em relação ao projeto europeu (cf. Anderson, 1999: 209). Segundo o autor, essa seria uma realidade que o Velho Continente dificilmente suportaria (*ibid.*). Tornava-se então, pelos motivos supracitados, condição *sine qua non* que a reunificação da Alemanha que então se perfilava fosse consumada sob o «chapéu» das estruturas institucionais e normativas da Europa (cf. Birchen, 2009: 8).

Consciente deste clima de desconfiança gerado nos países vizinhos, Helmut Kohl apressa-se a demonstrar que a união dos dois Estados irmãos, a ex-República Federal da Alemanha e a ex-República Democrática Alemã, não seria consumada contra a Europa, mas sim na Europa e pela Europa, como pode ler-se no trecho que a seguir se transcreve, extraído de um discurso proferido pelo então chanceler federal a 17 de janeiro de 1990 numa conferência promovida pelo Instituto Francês de Relações Internacionais (*Institut Français des Relations Internationales*),⁶ em Paris, e publicado no dia 25 do mesmo

⁴ Sobre a receção da Unificação Alemã nos restantes países europeus, vd. Lehmann, 1997, Schramm, 2000 e Buttlar, 2006.

⁵ Jeffrey Anderson é atualmente diretor do BMW Center of German and European Studies, um centro de investigação e ensino da Universidade de Georgetown. Especialista em política europeia, tem-se debruçado sobre questões relacionadas com a União Europeia e com a política alemã do pós-guerra. Um dos seus principais objetivos tem sido a análise do impacto da nova Alemanha sobre a política externa desde a queda do Muro de Berlim (cf. *curriculum* de Jeffrey Anderson no sítio do BMW Center for German and European Studies da Universidade de Georgetown, URL: <http://www18.georgetown.edu/data/people/jja5/cv.pdf> [consultado em abril de 2013]). A obra de Anderson ganha neste contexto um particular interesse não só por este autor ser especialista na temática em apreço, mas principalmente por apresentar uma visão distanciada não-europeia.

⁶ Fundado em 1979, o Instituto Francês de Relações Internacionais tem por objetivo a investigação e debate de questões de âmbito internacional. No ano de 2012, encontrava-se entre os 100 centros de investigação avançada mais influentes do mundo (cf. página online «À propôs de L'ifri» do Institut français des relations internationales, URL: <http://www.ifri.org/?page=missions> [consultado em abril de 2013]).

mês no UiD,⁷ periódico de caráter informativo e político dirigido a todos os membros da CDU:

Im Hintergrund steht [...] die Erinnerung an die Geschichte. Wir Deutschen können und wollen diese Last der Geschichte nicht einfach abwerfen. Aber niemand sollte zugleich außer acht lassen, daß das demokratische und freiheitliche Deutschland in über 40 Jahren den Beweis erbracht hat, daß die Deutschen aus der Vergangenheit gelernt haben. Die Bundesrepublik Deutschland ist heute untrennbar mit dem freien und demokratischen Europa verschmolzen [...]. Wir Deutschen sind uns unserer Mitverantwortung für Frieden und Sicherheit in Europa bewußt. [...] Hierzu möchte ich zunächst in aller Deutlichkeit sagen: Kein politisch Verantwortlicher in der Bundesrepublik Deutschland, keine ernst zu nehmende politische Gruppierung träumt von einem „Großdeutschland“ [...]. Die Bundesrepublik Deutschland steht ohne Wenn und Aber zu ihrer europäischen Verantwortung – denn gerade für uns Deutschen gilt: Europa ist unser Schicksal. (Kohl, 1990a: 5-8).

[Como pano de fundo está [...] a memória da História. Nós, Alemães, não podemos, nem queremos simplesmente apagar este peso da História. Mas também ninguém deve deixar de ter em conta que a Alemanha democrática e livre deu provas, durante mais de 40 anos, de que os Alemães aprenderam com o passado. A República Federal da Alemanha está hoje indissociavelmente incorporada na Europa livre e democrática. [...] Nós, os Alemães, estamos conscientes da nossa co-responsabilidade pela manutenção da paz e segurança na Europa. [...] Quanto a isto gostaria, em primeiro lugar, de dizer muito claramente: nenhum responsável político na República Federal da Alemanha, nem nenhum grupo político que seja levado a sério sonha com uma «Grande Alemanha» [...]. A República Federal da Alemanha assume sem «se» nem «mas» a sua responsabilidade europeia – pois para nós Alemães o que agora vale é o seguinte: a Europa é o nosso destino.]

⁷ O periódico *Union in Deutschland* (UiD), fundado em 1949 pelo partido político alemão *Christlich Demokratische Union Deutschlands* (CDU), dirige-se a todos membros do partido, com o objetivo de dar a conhecer o trabalho político por este desenvolvido. Teve a sua última edição impressa a 17 de novembro de 2009, chegando, a partir dessa data, aos seus destinatários sob o formato de *newsletter* (cf. «Geschichte der CDU – Union in Deutschland (UiD)» no sítio da fundação Konrad Adenauer Stiftung, URL: <http://www.kas.de/wf/de/71.9061> [consultado em abril de 2013]).

A questão do empenhamento da Alemanha na construção de uma Europa unida, segura, estável, solidária e próspera ganha de novo uma especial importância política no atual contexto de crise do Velho Continente, a braços com preocupantes indicadores económicos e demográficos. Os receios de que a construção de uma Europa alemã se sobrepusesse à construção de uma Alemanha europeia vieram à tona com particular intensidade em 1990 e voltam a ressurgir agora, passados 20 anos. O presente artigo propõe-se assim mostrar de que forma o papel desempenhado pela Alemanha na construção do projeto europeu foi acompanhado pela imprensa periódica portuguesa no ano da Unificação Alemã e apurar até que ponto alguns dos receios então manifestados e algumas das imagens então usadas persistem na atualidade. Esta hipótese foi testada através da análise de notícias, artigos de opinião, reportagens e editoriais, publicados nos semanários *Expresso* e *O Independente*, e ainda nos diários *Público* e *Diário de Notícias*. Os dois eixos cronológicos em torno dos quais foi estruturado o presente artigo coincidem com dois períodos históricos marcantes. Um, referente ao processo de reabilitação da Alemanha, corresponde ao período compreendido entre 1 de julho, data da União Monetária e Económica das duas Alemanhas, e dezembro de 1990, mês em que ocorreram as primeiras eleições na Alemanha unificada.⁸ O outro tem como ponto de partida o ano de 2011, pois foi em maio deste ano que teve início o chamado Movimento 15M ou Movimento dos Indignados. Marcado por ações revolucionárias que apelavam à construção de um novo modelo de sociedade europeia, que combatia o baixo nível de vida, o desemprego e os planos de austeridade, este movimento, que teve início em Espanha, tem desencadeado protestos um pouco por toda a Europa (cf. Rohr / Zuber, 2011: 100-101). Estas fortes contestações têm sido acompanhadas de um debate acerca do poder e influência da Alemanha em todo o processo de decisão no âmbito do combate à crise europeia. A pesquisa realizada de janeiro de 2011 a novembro de 2012 (mês em que se celebraram os vinte e dois anos sobre a Queda do Muro) permitiu colher uma vasta série de documentos. Por constrangimentos de espaço, pretende-se, no entanto, apresentar apenas um breve resumo dos pontos de vista sobre o tema manifestados por alguns *opinion makers* nos periódicos portugueses. Uma análise mais circunstanciada do

⁸ A análise das tendências da receção portuguesa referentes ao período compreendido entre julho e dezembro de 1990 teve por base o *corpus* anteriormente coligido no âmbito da minha dissertação de Mestrado: Mouro, 2008. Sobre este tema, vd. ainda Mouro, 2012.

corpus referente ao período compreendido entre 2011 e 2012 será apresentada num outro trabalho a ser publicado posteriormente.

O presente artigo sofreu impulsos teóricos dos Estudos Culturais (*Cultural Studies; Kulturwissenschaft*) – uma disciplina que se tem vindo a impor principalmente desde a década de sessenta e que tem como objetivo o estudo da estrutura social, bem como a compreensão do mundo do «Outro» e os padrões culturais que modelam as percepções de cada indivíduo (cf. Machado / Pageaux, 2001: 49) –, designadamente da Hermenêutica Intercultural⁹ e ainda da *Medienkulturwissenschaft* (Estudos Culturais dos *Media*) (vd. Göller, 2000).¹⁰

⁹ A Hermenêutica Intercultural, também designada por Imagologia, tem vindo a conquistar um lugar de grande destaque num mundo que se revela cada vez mais globalizado e que impõe a compreensão das relações entre diferentes culturas. Partindo da análise das mais diversas formas de produção do espírito humano (textos, mas também obras de arte, acontecimentos históricos ou mesmo o próprio comportamento humano), a Hermenêutica Intercultural procura identificar as imagens que emergem do «Outro» (muitas vezes sob a forma de estereótipos, *clichés* ou preconceitos) e compreender a sua origem e influência sobre o modo como os povos interagem (cf. Wimmer, WS 2003/2004; Emer, 2012). A análise das imagens do «Outro» permite-nos também o conhecimento do «Eu», uma vez que a cultura «que é olhada» [«culture regardée»] ganha a imagem que lhe é conferida pela cultura «que olha» [«culture regardante»] (cf. *ibid.*: 53). Os comparatistas Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, partindo da ideia de que a imagem do «Outro» é afinal reflexo do «Eu», vêm, na senda do teórico alemão Hans Robert Jauss, questionar a veracidade da imagem que é criada sobre o primeiro (cf. *ibid.*: 52). No mesmo sentido, o jornalista, ensaísta, editor e crítico político americano Walter Lippmann afirma ser impossível construir uma imagem imparcial da realidade, uma vez que aquela é, na verdade, resultado dos costumes e perspectivas de cada indivíduo (*apud* Schramm, 2000: 51).

¹⁰ No artigo «Medien, Kultur: Medienkultur. Ein konstruktivistisches Gesprächangebot» (1992), Siegfried J. Schmidt, filósofo e investigador alemão, debruça-se igualmente sobre a questão da veracidade das imagens do «Outro», mais precisamente no contexto da *Medienkulturwissenschaft*. Define os *media* como instrumentos da construção da realidade, valorizando o facto de a imagem da realidade se transformar na própria realidade, ou seja, a imagem do «Outro», ainda que matizada pelas características do «Eu», instala-se como realidade e não como cópia da realidade (cf. Schmidt, 1992: 446). Schmidt demonstra ainda a forte influência que os *media* exercem sobre o conhecimento, a comunicação e propagação da informação (cf. *ibid.*: 438-451). Por seu turno, o supramencionado jornalista Walter Lippmann salientava na sua obra *Public Opinion* que os *media* são as fontes mais férteis para o estudo de estereótipos (*apud* Nünning, 2004: 253; Buttlar, 2006: 35) e o historiador e sociólogo Jérôme Bourdon, na sua obra *Introduction aux Médias*, chamava a atenção para o poder dos *media* no sentido de moldarem as consciências de diferentes grupos sociais (cf. Bourdon, 2006: 10). Helmut Kreuzer, teórico e investigador

O semanário *Expresso* foi fundado em 1972¹¹ pelos jornalistas Francisco Pinto Balsemão e Augusto de Carvalho, bem como pelo jurista, docente universitário e destacado militante do PSD Marcelo Rebelo de Sousa, que impulsionaram um projeto jornalístico que apostava no rigor informativo e na reflexão crítica (cf. Anónimo, 1973: 8).

Outra importante fonte dos textos que serão objeto de análise no presente artigo foi o semanário *O Independente*, que aliava um estilo irreverente e criatividade estética ao seu rigor informativo. Fundado a 20 de maio de 1988 por Miguel Esteves Cardoso, Manuel Falcão e Paulo Portas, este jornal surgiu como «uma lufada de ar fresco», inovando um certo tipo de discurso que então grassava na imprensa periódica portuguesa (Reis, 1993: 396). Destacando-se pelas suas reportagens e artigos polémicos e irreverentes, *O Independente* esteve entre os semanários portugueses mais reputados até ao final da primeira metade da década de 90, acabando contudo por ser extinto a 1 de setembro de 2006.

O centenário *Diário de Notícias*, um dos jornais matutinos de referência, foi fundado no dia 29 de dezembro de 1864, pelo jornalista e escritor natural de Coimbra Eduardo Coelho e por Thomaz Quintino Antunes, dono da Tipografia Universal Lisbonense (cf. Sousa, 2009: 16-20). No dia em que celebrou 133 anos, este periódico publicou de novo o seu estatuto editorial, reiterando que o seu principal objetivo é «assegurar ao leitor o direito de ser informado com verdade, rigor e isenção» (Anónimo, 1997: 14). O jornal foi nacionalizado após o 25 de Abril, só voltando à posse de privados em 1991, na sequência da política de liberalização da comunicação social do governo de Cavaco Silva.

Fundado, curiosamente, no ano da Unificação Alemã, o diário *Público*, outro matutino de referência que rapidamente conquistou o apreço da classe política, dos círculos intelectuais e dos meios empresariais, propunha-se «rasgar

alemão no domínio da Literatura e dos *Media*, sublinhava, em 1975, a excelência histórica e estética destes textos, defendendo que os mesmos podiam ser igualados aos textos literários (*apud* Bohnenkamp/Schneider, 2005: 38).

¹¹ Em 1972, Francisco Pinto Balsemão cria a empresa *Sojornal/Expresso*. Nos dias 18 e 30 de dezembro desse mesmo ano, foram publicados dois números experimentais (n.º 00 e n.º 0) com o objetivo de dar a conhecer o estilo deste projeto. Só a 6 de janeiro de 1973 surge o seu primeiro número destinado à venda ao público. Embora experimental, o n.º 00 foi tido em conta para este trabalho, já que nele foi inserido um suplemento intitulado *Expresso – Novo Semanário: Para quê? Para quem?*, que apresenta algumas das características do periódico, bem como informação acerca dos responsáveis pela fundação e concretização deste projeto.

novos horizontes e introduzir um novo ritmo na imprensa portuguesa» (Direção do *Público*, 1990: 17).

O debate acerca do impacto da Unificação Alemã na construção do projeto europeu granjeou de facto grande destaque na imprensa periódica portuguesa de referência. Com efeito, esta não ficou indiferente à multiplicidade de sentimentos que então se instalava por toda a Europa. Enérgico era o debate acerca de dois pontos fundamentais: o desejo de construção de um novo rosto para a Europa e a necessidade de concretizar a Unificação sob o «chapéu» da Europa.

A apreensão desencadeada pela metamorfose geopolítica da Alemanha foi tratada sem qualquer reboço no semanário *Expresso*. Num dos artigos aí publicados, o articulista Luís Coelho falava de uma «obcecante memória [...] dos tempos assassinos» e apoiava-se em Günter Grass, que referia haver «elementos no carácter alemão [...] que desaconselha[va]m a reunificação» (Coelho, 1990: 12-R). O colunista português acrescentava haver quem ainda reconhecesse nos alemães «uma ancestral selvajaria», temendo que «os caninos [que] lhes foram limados» pudessem «voltar a crescer». Ainda que chame a atenção para o facto de a Unificação Alemã ser económica e não militar, o articulista afirma que a memória do passado recente não permitia «entusiasmos levianos» (*ibid.*: 13-R). No mesmo semanário, os jornalistas Maria Teresa Guerreiro¹² e Daniel Ribeiro¹³ fazem-se eco nos seus textos do temor de que a Alemanha voltasse a ter veleidades de assumir um papel hegemónico no seio da Europa. Maria Teresa Guerreiro alude às contundentes declarações do britânico Nicholas Ridley, então Ministro do Comércio e Indústria do Governo de Margaret Thatcher, que, agitando o fantasma nazi, definia o apoio de Bona à União Monetária europeia como sendo «tudo uma negociata alemã para se apoderar de toda a Europa» (Guerreiro, 1990: B3). Num artigo sintomaticamente intitulado

¹² Pesem embora os esforços envidados, nomeadamente o contacto com a redação do *Expresso*, não foi possível apurar qualquer referência acerca dos articulistas Luís Coelho e Maria Teresa Guerreiro.

¹³ Daniel Ribeiro, que curiosamente se encontrava na Alemanha por ocasião da queda do Muro de Berlim, estudou Direito Comparado no Instituto de Direito Comparado em Paris. Deu início à sua carreira jornalística no ano de 1979. Foi diretor da *Radio France International* e da *Rádio Alfa* em Paris. Tem, nessa mesma cidade, colaborado enquanto correspondente com o jornal *Expresso* e a *Antena 1*. Recentemente foi dispensado pelo grupo RTP, empresa com a qual colaborou durante mais de 30 anos. Agradeço a informação que me foi gentilmente cedida pelo próprio Daniel Ribeiro.

«Os fantasmas dos franceses», Daniel Ribeiro realça a apreensão de Jacques Delors, então Presidente da Comissão da Comunidade Económica Europeia, perante a presença da Alemanha unificada, «um estado forte», «no meio desta Europa mole [...]» (Ribeiro, 1990: B5). Sobre o sentimento em relação à Unificação que grassava entre o povo português, a redatora do *Expresso* Manuela Goucha Soares¹⁴ refere que o Governo (então de Cavaco Silva) estava a deitar foguetes pela reunificação das duas Alemanhas, mas não apanhava as canas (cf. Soares, 1990: 13-R). «Cautela» era, para Goucha Soares, «a palavra de ordem» (*ibid.*).

Já da maioria dos artigos que vieram a lume n' *O Independente* sobre o tema em apreço sobrepõe uma visão relativamente mais otimista. Na verdade, a jornalista Mónica Bello,¹⁵ contrariando as vozes mais pessimistas, dava destaque ao pedido que Helmut Kohl tinha endereçado ao povo alemão: «peço que mostrem ao Mundo que somos merecedores desta liberdade. A Alemanha é a nossa pátria e uma Europa unida é o nosso futuro» (Bello, 1990: 29). O jornalista João Viegas Soares¹⁶ atribuiu também especial destaque aos esforços envidados por Helmut Kohl para provar que a nova Alemanha teria como principal objetivo contribuir para a paz e a estabilidade europeias, explicando

¹⁴ A jornalista Manuela Goucha Soares iniciou a sua atividade profissional no *Expresso* em 1988. Hoje permanece ligada ao grupo de comunicação social português Impresa. Publicou alguns livros, entre os quais se destaca uma *Fotobiografia de Ramalho Eanes*. Foi assessora de imprensa da Presidência Portuguesa da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, voltada para a promoção da democracia (cf. o sítio da editora A Esfera dos Livros, URL: <http://www.esferadoslivros.pt/autores.php?id=%20140> [consultado em abril de 2013] e ainda informação pessoal pela própria Manuela Goucha Soares no Facebook, URL: <https://www.facebook.com/manuela.g.soares.9/about> [consultado em abril de 2013]).

¹⁵ Em 1988, a jornalista e investigadora Mónica Bello dá início à sua carreira no semanário *O Independente* e, em 1990, começa a desempenhar funções de editora no *Caderno 3*, suplemento desse mesmo periódico. Três anos mais tarde, entra para a revista mensal *Grande Reportagem*, onde ocupa o cargo de Diretora Adjunta. No ano de 1998, regressa ao jornal *O Independente*, também como Diretora Adjunta, e em 2001 desenvolve atividade jornalística como *freelancer*. Em 2003, volta a estar ligada à *Grande Reportagem*, ocupando, no ano seguinte, o cargo de editora executiva na revista *Volta ao Mundo*. No ano de 2006, inicia as suas funções como Editora Executiva no *Diário Económico*, onde permanece até 2008. Integrou nesse ano a equipa fundadora do diário *i*. Agradeço a informação que me foi gentilmente cedida pela própria Mónica Bello.

¹⁶ Atualmente, João Viegas Soares faz parte do Conselho de Administração do jornal *Diário de Notícias*.

que abdicar da Silésia, Pomerânia e Prússia Oriental, territórios que integravam a fronteira Oder-Neisse, tinha sido «o sapo que Kohl mais dificuldades [tinha tido] em engolir», mas, simultaneamente, um passo essencial em direção à tranquilidade dos países vizinhos (cf. Soares, 1990: 27). No artigo «A liberdade pela unidade», o docente universitário, investigador e empresário Jaime Nogueira Pinto (*1946)¹⁷ sublinhava as «consequências benéficas» da união das duas Alemanhas, classificando como infundados os receios dos países vizinhos da Alemanha: «Só uma visão de nacionalismo hobesiano¹⁸ e primitivo pode *a priori* considerar como um factor negativo, de desconfiança, medo e perigo, o regresso de uma unidade nacional alemã» (Pinto, 1990: 23-III).

Analiseemos de seguida a forma como a Unificação Alemã foi abordada no *Diário de Notícias*. Abraham Michael Rosenthal (1922-2006),¹⁹ colunista no *The New York Times*, afirma, num artigo publicado neste jornal, não se

¹⁷ Jaime Nogueira Pinto é doutorado em Ciências Sociais e exerce funções docentes na Universidade Técnica de Lisboa. Presentemente, é também administrador de empresas. No que concerne a sua atividade publicista e jornalística, destaque-se o facto de ter fundado a revista de intervenção político-cultural *Política*, que dirigiu entre 1969 e 1974. Em 1980 funda a revista *Futuro Presente*, marcada pela *Nova Direita*, um modelo ideológico fundado em 1968 pelo filósofo francês Alain de Benoist, que defendia o antiliberalismo e o antimarxismo, com vista à proteção da diversidade e património cultural da Europa num mundo cada vez mais globalizado (cf. Warren, 1994: *passim*). No ano de 1988 torna-se Diretor do diário *O Século*, cargo que ocupa apenas durante os dois anos seguintes. Refira-se ainda a sua participação como colunista nos semanários *A Rua*, *O Semanário*, *O Independente* e *Expresso*. Durante as décadas de 80 e 90, publicou igualmente diversos artigos na imprensa internacional. É administrador da consultora Gapsorsul e do Grupo DM, operadora no sector da segurança privada, e presidente do Conselho de Administração da Fundação Luso-Africana para a Cultura. Agradeço a informação gentilmente cedida por Jaime Nogueira Pinto.

¹⁸ Thomas Hobbes foi um matemático e teórico político, nascido em 1588, para quem a democracia não era mais do que uma fonte de conflito. Acreditava na necessidade da presença de uma figura de liderança e de autoridade – o rei –, que teria a responsabilidade de limitar as tendências egoístas e desejo de poder de cada indivíduo (cf. biografia de Thomas Hobbes na página *online* The European Graduate School, URL: <http://www.egs.edu/library/thomas-hobbes/biography/> [consultado em abril de 2013]).

¹⁹ Abraham Michael Rosenthal foi editor executivo do *The New York Times* (1977-1988) e colunista deste jornal (1987-1999). Debruçou-se sobre grandes temas de discussão como a Guerra do Vietnam, o escândalo de Watergate ou as sucessivas crises no Médio Oriente. Foi agraciado com vários prémios de prestígio, designadamente o prémio Pulitzer (1960), pelo seu trabalho de reportagem internacional, e a Medalha Presidencial da Liberdade (The Presidential Medal of Freedom, 2002) (cf. Spilberg, 2011: v-vi).

alegrar com a Unificação Alemã e temer o «nosso futuro alemão», chamando premonitoriamente a atenção para o eventual comportamento de um governo alemão num futuro momento de crise europeia:

O ocidente espera que as vantagens de ser membro da União Económica Europeia sustentem a Alemanha. Talvez, mas a União Europeia tornará a Alemanha ainda mais forte. Os laços manter-se-ão, enquanto a Alemanha quiser. [...] Nada do que acima se disse será forçosamente um desastre mundial – enquanto o actual apoio às vias democráticas por parte dos alemães não enfraquecer, e não houver um Governo alemão que, a pretexto de uma crise, passe a ser menos cordato económica ou politicamente com o resto da Europa. (Rosenthal, 1990: 30).²⁰ [Sublinhados nossos].

No mesmo periódico, é dado à estampa o artigo «Agora a Europa move-se na direcção certa», um exclusivo assinado por Flora Lewis (1918-2002),²¹ correspondente do *The New York Times*. Muito embora, a reputada jornalista norte-americana manifeste um certo sentimento de desconforto, e até de desconfiança, em relação à Unificação Alemã, considera contudo que este acontecimento constituiria um passo significativo para o início de uma nova era. Afirma acreditar que os receios generalizados se deviam muito mais a um «sentimento de novidade», do que ao «comportamento da Alemanha desde Bismarck até 1945» (Lewis, 1990: 7). Se por um lado, Lewis diz ser compreensível que os medos se concentrassem nos Alemães, «não só devido ao passado mas também devido à sua capacidade de exploração da tecnologia para fins económicos e devido à sua dimensão», defende, por outro lado, que «prever apenas as piores consequências possíveis seria bloquear a esperança» (*ibid.*). Num outro artigo também da sua autoria, intitulado «Uma Europa maior e mais forte», dado à estampa também no *Diário de Notícias*,²² Flora

²⁰ Curiosamente, os receios de Abraham Michael Rosenthal vão ao encontro das vozes que, no contexto da atual crise económica, se levantam acusando a Alemanha de falta de solidariedade para com os países em dificuldade (vd. *infra*, no presente artigo).

²¹ Flora Lewis colaborou com o *The New York Times Magazine* e o *The Washington Post*. Tornou-se um nome de referência, por ter aberto o caminho para as mulheres no mundo do jornalismo. Sobre a sua vida e obra, encontra-se abundante informação na Internet. Entre outros, vd. Whitney, 2002.

²² Os textos de recepção «Agora a Europa move-se na direcção certa» (Lewis, 1990: 7) e «Uma Europa maior e mais forte» (Lewis, 1990a: 28) são publicados no *Diário de Notícias*

Lewis lembrava que a Alemanha seria «o país membro mais poderoso quer a Comunidade [fosse] fraca ou forte, mas quanto mais forte a Comunidade, menos uma futura Alemanha poder[ia] seguir a própria via» (Lewis, 1990a: 28 [sublinhados nossos]). J. Baptista Comprido²³ mitigava também no mesmo jornal os receios face à Alemanha unificada, referindo que a Europa teria organizações que podiam «domesticar» o seu poder e que, acima de tudo, todos precisariam de todos (cf. Comprido, 1990: 8), acreditando numa nova Alemanha, empenhada na construção da paz e na cooperação entre nações:

A Alemanha deste final de século renasce com a Europa. Nem contra a Europa, nem a Europa contra ela. Abraçou a democracia e os valores ocidentais. Tem-se mostrado tão humana e humanitária como os outros países europeus e ocidentais. Renasceu mais poderosa do que nunca, apesar de mutilada na terra e na gente [...]. Não reclama direitos nem garantias – pelo contrário, são-lhe exigidos. Não reivindica proteção para as suas minorias. Não furou tratados, não torneou limitações, não iludiu compromissos. Submeteu-se a tudo quanto pudesse prejudicar os seus objectivos [...] (Comprido, 1990: 8).

Para J. Baptista Comprido, a Alemanha unificada, que denomina de «nova ponte europeia», seria responsável pela união das «duas Europas» e por manter o equilíbrio entre o Ocidente e o Leste (*ibid.*). Sobre os fantasmas que teimavam em pairar sobre a Europa, Comprido afirma:

Resta saber até que ponto a nova e original função [de ponte entre o Ocidente e o Leste] pode ser perturbada por idiosincrasias ou memórias históricas que,

enquanto artigos exclusivos assinados por Flora Lewis no *The New York Times*. Note-se, no entanto, que não há qualquer referência aos títulos originais, nem mesmo a quem terá sido responsável pela tradução. Através de trabalho de pesquisa encontrei os textos originais na página *online* do *The New York Times*, sob os títulos «Now a New Europe» e «Bigger or Stronger Europe?» (cf. Lewis, 1990 ; 1990a).

²³ João Baptista Comprido foi professor de Relações Internacionais na já extinta Universidade Livre de Lisboa, a primeira universidade privada em Portugal. Foi autor de vários livros, destacando-se em 1990, ano da Unificação Alemã, a obra *A ordem europeia: um ponto de reflexão* (cf. Comprido, 1980: 55; cf. ainda o sítio do Catálogo da Biblioteca do Instituto de Defesa Nacional, URL: <http://idn.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1304V996O3875.535679&profile=idn&uri=link=3100018-!14699-!3100024-!3100022&aspect=subtab13&menu=search&ri=1&source=-!dglb&term=Comprido%2C+J.+Baptista&index=AUTHOR> [consultado em abril de 2013]).

por vezes, insensivelmente, vão influenciando o comportamento dos povos e dos seus políticos do dia. Ainda há muita gente com medo dos Alemães. Não admira. Muitos deles suspeitam de si próprios. (Comprido, 1990: 8).

O Eduardo Hélder,²⁴ correspondente do *Diário de Notícias* em Bona, realçava o forte desejo de a nova Alemanha demonstrar aos seus vizinhos que estava, de facto, empenhada na construção europeia (cf. Hélder, 1990: 11). Este jornalista reiterava que o Presidente da República Federal da Alemanha, Richard von Weizsäcker sublinhara que o fim da divisão das Alemanhas abria um novo capítulo na história europeia e que o chanceler Helmut Kohl assegurara que o país estava tão empenhado na unidade e paz europeias, como na sua própria unificação (cf. *ibid.*). O jornalista português sublinha também que Hans-Dietrich Genscher, que então detinha a pasta dos Negócios Estrangeiros, havia enviado missivas pessoais aos seus homólogos soviético e francês, garantindo que a nova Alemanha seria «um aliado seguro na edificação de uma Europa unida e pacífica» (*ibid.*). O político alemão considerava que a Alemanha unificada, ao lado de França, tinha «a responsabilidade de ser o motor da Europa» (*ibid.*). Uma outra jornalista do *Diário de Notícias*, Ana Glória Lucas,²⁵ centrava a sua atenção no discurso proferido por Helmut Kohl na noite do dia 3 de outubro de 1990, referindo que o chanceler alemão havia sublinhado que «no futuro, o solo alemão ser[ia] apenas uma fonte de paz» (Lucas, 1990: 10).²⁶ Ana Glória Lucas afirmava que o passado alemão

²⁴ O jornalista Eduardo Hélder, já falecido, colaborou, enquanto correspondente em Bona, com os jornais *Diário de Notícias* e *Record*. Assinava artigos que retratavam as mais diversas áreas da sociedade alemã.

²⁵ A periodista Ana Glória Lucas deu início à sua carreira jornalística em 1974 na já extinta agência noticiosa ANOP (Agência Noticiosa Portuguesa). Em 1986, transita para a atual Lusa, resultante da fusão da ANOP com a NP (Notícias de Portugal). Passou pelo semanário *O Liberal* (1989-1990) e em 1990 torna-se jornalista do *Diário de Notícias*, dedicando-se essencialmente a temas ligados aos países europeus do antigo campo socialista e a África. Atingiu a categoria de grande repórter. É, desde 1993, colaboradora da revista *Além-Mar*, editada pelos Missionários Combonianos de Lisboa, e, desde 2012, Chefe de redação da edição portuguesa da *Esporo*, revista do Centro Técnico de Cooperação Agrícola e Rural (Wageningen, Holanda), dedicada aos Países ACP (África, Caraíbas e Pacífico). Agradeço a informação gentilmente disponibilizada por Ana Glória Lucas.

²⁶ Vd. o discurso original proferido por Helmut Kohl no dia 3 de outubro de 1990 (Kohl, 1990a).

ainda não havia sido esquecido, considerando todavia que aquele não poderia ser um obstáculo ao futuro (cf. *ibid.*).

No jornal *Público* ganharam igualmente relevo os receios generalizados em relação à perspectiva de uma Alemanha reunificada. O cronista Rogério Martins²⁷ apresentava, a 1 de julho de 1990, uma imagem muito disfórica da nova Alemanha «rica, organizada, decidida», «a maior potência europeia», que se erguia como «colosso» «pujante», sem «contrapeso» e que «faz[ia] medo» (Martins, 1990: 21). Rogério Martins considerava então que a Alemanha teria aceitado a sua integração numa Federação Europeia apenas para «ganhar espaço de manobra» para alcançar o «seu objetivo primordial, um Estado reunificado e com plena soberania» (*ibid.*). Dois dias mais tarde, o professor universitário João Carlos Espada (*1955),²⁸ conhecido especialista em Ciência Política e atual diretor da reputada revista *Nova Cidadania*,²⁹ salientava ser fundamental

²⁷ Rogério Martins, engenheiro de profissão, foi membro do governo marcelista, desempenhando o cargo de Secretário de Estado da Indústria no Ministério da Economia. Empenhou-se na promoção do desenvolvimento industrial, criando estratégias de estímulo à capacidade empreendedora. Em 1970, no exercício daquele cargo político, visita a RFA, procurando dinamizar o investimento privado alemão em Portugal. No mesmo ano deu à estampa o livro *Caminho de País Novo* que se debruça exatamente sobre o crescimento económico de Portugal (Torgal, 2009: 563, 619, 625; Castilho, 1998: 80; cf. Brito, [s.d.]: 9-10).

²⁸ João Carlos Espada doutorou-se em Ciência Política na Universidade de Oxford. Foi autor de vários livros sobre Teoria Política e História do Pensamento Político. É diretor e fundador do Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa. Foi colunista do *Público* entre 1990 e 1997, tendo regressado a este jornal em 2011. Colaborou também com o semanário *Expresso*. Espada ocupa o cargo de diretor da revista *Nova Cidadania* (cf. *curriculum* de João Carlos Espada no sítio da Universidade Católica Portuguesa (Lisboa), URL: <http://www.ucp.pt/site/resources/documents/IEP/Pós-Graduação,%20Mestrado%20e%20Doutoramento/CVs%20Docentes/CV%20-%20João%20Carlos%20Espada.pdf> [consultado em abril de 2013] e informação pessoal disponível no *Público online*, URL: <http://www.publico.pt/autor/joao-carlos-espada> consultado em abril de 2013]).

²⁹ Fundada pelos professores universitários João Carlos Espada (Diretor) e Mário Pinto (Presidente), bem como pelo jurista e político José Luís Nogueira de Brito (Administrador), a revista *Nova Cidadania*, que viu o seu primeiro número publicado em 1999, visava «alterar a atmosfera intelectual dominante». «Em termos políticos, a revista não teria uma orientação particular. Ela definir-se-ia sobretudo por uma atitude, em que a oposição ao relativismo pós-moderno será um alicerce fundamental. Quer em função da dignidade da pessoa humana, quer em função da própria sobrevivência das sociedades livres, esta atitude assume a afirmação da substantividade dos valores.»

ancorar a Alemanha unificada solidamente ao ocidente (cf. Espada, 1990: 15). O poder desta nova nação poderia assim ser «domesticado» através de regras e instituições internacionais (*ibid.*). Em sua opinião, deveriam ser criados mecanismos capazes de limitar as suas «tendências malignas» e fomentar as suas «tendências benignas» (*ibid.*). O docente universitário e destacado militante do CDS/PP Francisco Lucas Pires (1944-1998)³⁰ acreditava que «os passos a dar seriam tanto mais seguros para todos, quanto mais a Reunificação Alemã fosse pensada como parte da reunificação da própria Comunidade Europeia» (Pires, 1990: 41). A integração da Reunificação Alemã nos parâmetros comunitários da CEE permitiria, na opinião de Lucas Pires, a «diluição do germanismo» (*ibid.*). Impunha-se, deste modo, uma construção europeia capaz de integrar, mas principalmente de conter, o poder desta nova Alemanha emergente.

O *Público* deu à estampa na altura uma interessante entrevista a Alfred Grosser (*1925), politólogo, sociólogo e historiador judeu de origem alemã, que vive em França. O autor de diversas obras sobre a Alemanha³¹ considerava a apreensão face à reunificação Alemã «muito irracional». Em sua opinião, a união dos dois Estados alemães contribuiria para uma Europa mais forte, capaz de igualar ou mesmo superar o poder do Japão (cf. Pedro / Pereira, 1990: 14). No mesmo sentido pronunciou-se o então diretor do *Público* José Manuel Fernandes,³² no seu editorial da edição de 1 de julho de 1990, exatamente o dia

(Estatuto editorial da revista, URL: http://www.novacidadania.pt/content/view/24/42/lang.pt_PT/ [consultado em abril de 2013]).

³⁰ Doutorado no ano de 1989 pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em ciências jurídico-políticas, Francisco Lucas Pires conheceu de perto a cultura e o povo alemães, tendo sido bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian em Tübingen, onde trabalhou com Otto Bachof, professor universitário de Direito Político. Exerceu o cargo de Vice-Presidente do Parlamento Europeu, cargo que ocupou entre 1986 e 1987. Foi Ministro da Cultura e da Coordenação Científica entre 1982 e 1983. Nos dois anos seguintes foi Presidente do CDS, partido do qual se demitiu em 1991 (cf. página *online* do Centro de Documentação 25 de Abril da Universidade de Coimbra, URL: <http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=lucpires> [consultado em abril de 2013]).

³¹ Detentor de vários e prestiadados prémios, Grosser é autor de *Das Deutschland im Westen* (1985), *Frankreich und seine Außenpolitik* (1986), *Mit Deutschen streiten* (1987), *Mein Deutschland* (1993), *Deutschland in Europa* (1998), *Von Auschwitz nach Jerusalem (Über Deutschland und Israel)* (2009), entre muitas outras obras.

³² José Manuel Fernandes cessa funções, em 1989, enquanto redator do *Expresso*, para colaborar na fundação do diário *Público*. Em 2009, abandona o cargo de Diretor deste mesmo jornal, continuando, no entanto, a colaborar com o mesmo com a publicação regular de uma coluna de opinião. É autor de vários livros e colabora como professor

da União Monetária Alemã. O jornalista rejeitava os receios dos «pessimistas que tem[iam] sempre o renascimento do belicismo germânico» (Fernandes, 1990: 3), explicando não estar provado que a «forma de ser germânica, disciplinada, severa e obediente, tão diferente da alma latina», fosse «mais vulnerável à tentação totalitária». José Manuel Fernandes realçava que «os pesadelos que a Alemanha [havia] protagoniz[ado]» só tinham sido «possíveis porque [tinham] conta[do] com a cumplicidade passiva das democracias ocidentais» (*ibid.*).

Debruçar-nos-emos de seguida nas principais tendências que resumam dos diversos testemunhos de receção dados à estampa entre 2011, o ano em despontou o Movimento dos Indignados, e novembro 2012, o mês em que se celebraram os vinte e dois anos sobre a Queda do Muro (vd. *supra*).

Atente-se no texto intitulado «A Alemanha e o *Big Bang* estratégico», assinado no *Expresso* em Agosto de 2011 por Miguel Monjardino, professor universitário na área da Ciência Política.³³ O colunista chama a atenção para o «poder e influência da Alemanha em todo o processo de decisão europeu», considerando que falhara o objetivo de conter o poder alemão através da construção europeia: «Em vez de um colete de forças político, a União Europeia e a zona euro transformaram-se num instrumento de exercício de poder e influência de Berlim» (Monjardino, 2011: 5). A imagem de uma Alemanha poderosa que tem nas suas mãos o destino da Europa sobreleva ainda de outros dois artigos publicados no mesmo periódico. Refiro-me aos textos

convidado com a Universidade Católica e o Instituto Superior de Comunicação Empresarial (cf. *curriculum* de José Manuel Fernandes no sítio da Faculdade de Ciências e Humanidades da Universidade Católica Portuguesa, URL: http://www.fch.lisboa.ucp.pt/site/custom/template/ucptpl_fac.asp?sspageID=884&clang=1 [consultado em abril de 2013] e página pessoal no Facebook do próprio José Manuel Fernandes, URL: <https://www.facebook.com/pages/José-Manuel-Fernandes/246899992587?sk=info> [consultado em abril de 2013]).

³³ Mestre em Segurança Internacional pelo Graduate Institute of Political and International Studies da Universidade de Reading em Inglaterra, o professor universitário Miguel Monjardino tem dedicado o seu trabalho de investigação aos temas de estratégia nuclear, política de segurança e defesa dos Estados Unidos e euro-atlantismo. É colunista do jornal *Expresso* e analista de política internacional da SIC-Notícias e da TSF (cf. página *online* do Instituto de Estudos Políticos e de Geopolítica e Geoestratégia da Faculdade de Ciências e Humanidades da Universidade Católica Portuguesa, URL: http://www.ucp.pt/site/resources/documents/IEP/Pós-Graduação,%20Mestrado%20e%20Doutoramento/CVs%20Docentes/CV%20Mestre%20Miguel%20Monjardino%20_d_.pdf [consultado em abril de 2013] e ainda a página pessoal de Monjardino no LinkedIn, URL: <http://pt.linkedin.com/pub/miguel-monjardino/10/37b/573> [consultado em abril de 2013]).

sintomaticamente intitulados «A potência indispensável», também assinado por Monjardino, e «Alemanha, a nova amiga da Europa», da lavra do então correspondente Daniel do Rosário.³⁴ Ambos os autores valorizam o peso político e económico da Alemanha no processo de construção de uma nova era para a Europa, enfatizando a necessidade urgente de uma tomada de decisão em favor do projeto europeu (cf. Monjardino, 2011a: 35; Rosário, 2011: 4). Por outro lado, a aparente falta de determinação da Alemanha para ajudar os países em dificuldades é vista pelo jornalista e comentador político de esquerda Daniel Oliveira³⁵ como sintoma do seu «egoísmo»:

Há 65 anos a Alemanha era uma ruína e, graças a ela, a Europa também. Admiramo-nos como **os alemães se reergueram mas esquecemos que o fizeram, e bem, com ajuda externa.** Ajuda de quem vira muitos dos seus compatriotas perder a vida para libertar a Europa da loucura nazi. Não terão sido poucos a perguntar: porque raio havemos nós de os ajudar [...]? Quando, para além da sua própria destruição, são responsáveis pelo terror, o genocídio e a destruição de tantos países? A resposta era simples: era a única forma de **garantir a paz na Europa** e, já agora, era útil ao **crescimento económico de todo o Ocidente.** O mundo fechou os olhos à vingança, respirou fundo e ajudou a Alemanha a voltar a ser uma potência. A generosidade voltou a sentir-se na reunificação alemã, que a Europa transformou numa prioridade de todos, e no assentimento do alargamento a leste. Chegámos à crise do euro. **Os países periféricos estão a sofrer sem terem atacado ninguém.** Limitaram-se a estar mais expostos aos ataques a uma moeda criada à imagem e semelhança do marco [...] À pergunta de tantos alemães – **porque havemos de pagar a desgraça dos outros?** – podem encontrar a resposta na sua própria história: porque sem isso **a Alemanha não poderá contar com o crescimento que tem tido [...].** Porque sem a Europa

³⁴ O jornalista Daniel do Rosário é correspondente do jornal *Expresso* e da *Rádio Renascença* em Bruxelas (cf. página pessoal do jornalista no Twitter, URL: <https://twitter.com/danielrosarioDR> [consultado em abril de 2013]).

³⁵ Jornalista de profissão, Daniel Oliveira tem-se destacado enquanto comentador político em diferentes *media*. Participou na génese do Bloco de Esquerda, do qual foi um militante histórico. Acaba, em março de 2013, por se afastar daquele partido, por discordar com a estratégia política definida pela nova direção (cf. post publicado pelo próprio Daniel Oliveira na sua página no Facebook, URL: <http://www.facebook.com/danieloliveira.lx/posts/419781744755945R> [consultado em abril de 2013] e ainda Costa, 2013).

estarão condenados a ser apenas mais uma Nação demasiado pequena e confortável para resistir à avalanche do Oriente (Oliveira, 2011). [Negrito no original]

Neste trecho de tom moralizante sobreleva uma imagem muito disfórica da superpotência alemã. Da leitura dos textos de opinião publicados no *Expresso*, podemos, no entanto, também identificar algumas vozes que não condenam o comportamento da Alemanha. Leia-se, a título de exemplo, o seguinte passo de um artigo do jovem cronista Henrique Raposo, que se auto-qualifica de liberal:³⁶

A esquerda portuguesa tem uma solução para a crise que criou aqui em Portugal, a saber: culpar a UE e a Alemanha por todos os males do país, da Europa e quiçá do Mundo. [...] **o PS refugia-se num ódio fácil contra a Alemanha e contra Merkel.** [...] Nos debates internos, os socialistas não demoram muito a invocar **Salazar** para – obviamente – rotular os seus adversários de «salazaristas». [...] E, agora, parece que não conseguem entrar nos debates externos sem invocar o fantasma de **Hitler**. Começo a desconfiar que **a nossa esquerda não consegue pensar sem estas duas bengalas, Salazar e Hitler.** [...] Queriam o quê? Que a Alemanha pagasse as nossas contas sem dizer ai nem ui? É isso a tal «solidariedade europeia»? Os alemães deviam pagar as contas e as dívidas e os disparates de portugueses e gregos sem pedir uma responsabilização? Ou seja, a «**solidariedade europeia**» **deve ser feita contra as expectativas legítimas do eleitorado alemão, e holandês, e finlandês?** É isso? Portanto, devemos construir uma «solidariedade europeia» sem o mínimo respeito pelos povos europeus em concreto? É isso? (Raposo, 2011). [Negrito no original]

Esboçadas algumas das tendências vindas a lume no *Expresso*, merecem agora uma atenção especial os textos de receção no âmbito do tema em apreço que vieram a lume do *Diário de Notícias* no âmbito da visita de Angela Merkel a Portugal, a 12 de novembro de 2012. Interpelando diretamente a

³⁶ Investigador do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa, Henrique Raposo colaborou com *O Independente*, o *Público* e o *Diário de Notícias*. Foi editor da revista *Atlântico* e presentemente é cronista no jornal *Expresso*. Especializou-se em Ciência Política e publicou em 2009 o livro *A Caipirinha de Aron – Crónicas de um Liberal Triste*, que consistiu na compilação das suas crónicas (cf. [Anónimo], 2009).

chanceler alemã, o jornalista Paulo Baldaia³⁷ afirma que os portugueses nada têm contra os alemães. Bem pelo contrário, até os têm «em boa conta», pois são «bons empresários e bons trabalhadores» (cf. Baldaia, 2012). O problema, explica, é a política de austeridade que traz à memória os tempos em que os portugueses viviam «pobrezinhos mas honrados» (*ibid.*). Baldaia considera que o sucesso de Portugal, bem como o da Alemanha e da própria Europa só será possível se todos se mantiverem juntos (*ibid.*) e lembra que, à semelhança do que acontecera durante as quatro décadas em que havia vigorado um regime político totalitário em Portugal, a Alemanha em nada lucrará com tamanha austeridade (*ibid.*). Esta não deveria esquecer que a sua economia não pode subsistir sem os consumidores do Sul da Europa (*ibid.*). Já o escritor social-democrata Vasco Graça Moura³⁸ atribuiu especial importância à visita de Merkel a Portugal, valorizando «o empenhamento da Alemanha na construção europeia e no encontro de soluções que permitam ultrapassar os actuais impasses que se têm deparado a esse projecto». Considera igualmente que a superação da crise não será possível «sem a Alemanha ou contra ela» (Moura, 2012: 54). O comentarista Jorge Silva Paulo,³⁹ no artigo «Geopolítica da desunião – mas sem guerra!», analisa os receios revelados por muitos de que os alemães tivessem ambições expansionistas, referindo que todos, inclusivamente a Alemanha, já perceberam que na Europa nada se ganha com o uso da força (cf. Paulo, 2012: 55). Defendendo a tese de que a competição assenta, nos dias de hoje, nas empresas e no crescimento económico, Jorge Silva Paulo afirma:

³⁷ Paulo Baldaia é o atual diretor da TSF. Deu início à sua carreira jornalística na Rádio Press e colaborou já com vários periódicos, nomeadamente *O Independente*, o *Jornal de Notícias*, o *Semanário*, o *Diário Económico* e o *Diário de Notícias* (cf. [Anónimo], 2008).

³⁸ Escritor, dramaturgo, tradutor, cronista e analista político, Vasco Graça Moura tem ocupado diversos cargos institucionais. Foi já agraciado com inúmeros prémios, como o Prémio Pessoa (1995), o Prémio de Poesia do PEN Clube (1997), o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores (1997) e o Grande Prémio de Romance e Novela APE/IPLB (2004). Em 1999 foi eleito deputado ao Parlamento Europeu (cf. [Anónimo], 2005).

³⁹ Jorge Silva Paulo é capitão de mar e guerra na Reserva. Entre as várias pós-graduações que realizou, destaque-se uma em Estudos Europeus, pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, e outra em Estudos de Segurança Avançada, pelo Centro Europeu George C. Marshall para os Estudos de Segurança na Alemanha. Publicou já vários livros e colabora como comentarista com o *Diário de Notícias* (cf. página pessoal do próprio Jorge Silva Paulo, URL: <http://jspm62.home.sapo.pt> [consultado em abril de 2013]).

Dizer que a oposição de Angela Merkel a transferências para países sobre-endividados revela ambições de dominação é bizarro. Primeiro, ela segue a ideia do eleitorado alemão de não querer pagar a quem não trabalha; muitos portugueses dizem o mesmo da Madeira e das autarquias. Segundo, os Estados em crise podem fazer o que quiserem: Merkel só impôs condições para os ajudar. Estas podem falhar na solidariedade, ser perigosas para a integração europeia ou tecnicamente erradas, mas não são imperialistas nem expansionistas. Dito isto, teria sido mais astuto que Merkel deixasse a França assumir a liderança das políticas de austeridade para evitar o desnecessário ressurgimento de fantasmas (Paulo, 2012: 55).

Sobressai da leitura geral das páginas do *Diário de Notícias* a imagem de uma Alemanha pouco solidária, mas consciente das suas obrigações no processo de integração europeia, que sabe ser também fundamental para a sua economia.

Atente-se de seguida nas reações dadas à estampa no *Público* no âmbito do tema em análise. Num texto expressivamente intitulado «Às vezes parecemos umas baratas tontas», o jornalista José Manuel Fernandes (vd. *supra*) considera que, «em momentos de pânico», como o que então se vivia, era «fácil alimentar suspeições e acordar fantasmas» (Fernandes, 2011: 31). Citando o general Loureiro dos Santos,⁴⁰ para quem «a Alemanha de Merkel está a conseguir, pela via económica, o que não conseguiu pela guerra, com o Kaiser e com Hitler», bem como o colunista e escritor inglês Simon Heffer,⁴¹ que afirmou estarmos «a assistir ao nascimento de um Quarto *Reich*», José Manuel Fernandes salienta o perigo de «acordar demónios adormecidos» (*ibid.*). Neste mesmo diário, no artigo «O primado invertido num plano inclinado», o jurista socialista José Assis,⁴² após referir que é Merkel quem tem estado a dirigir os destinos da Europa, salienta ser importante não esquecer que «foi a Alemanha

⁴⁰ Loureiro dos Santos ingressou no exército no ano de 1953. Desde então, desempenhou importantes funções em postos militares, mas também políticos. É amiúde convidado pelos meios de comunicação social para comentar temáticas relacionadas com estratégia, segurança, defesa e relações internacionais (cf. Palavras, 2012).

⁴¹ Jornalista, colunista e escritor britânico, Simon Heffer tornou-se conhecido não só pelo seu trabalho nos periódicos *Daily Mail* e *The Daily Telegraph*, mas também pelas obras que publicou e ainda pela sua voz ativa no mundo da política (cf. biografia de Simon Heffer, URL: <http://www.in.com/simon-heffer/biography-255575.html> [consultado em abril de 2013]).

⁴² Para além da sua carreira enquanto jurista, José Assis tem tido uma ação ativa na esfera política. Entre várias responsabilidades políticas, conta-se o cargo de vereador na Câmara Municipal do Seixal, eleito das listas do Partido Socialista (2005-2009). Colabora

que fez a guerra na Europa no século XX» e que «foram os povos aliados que reconstruíram a Europa após a guerra» (Assis, 2011: 29). Se, por um lado, José Assis afirma que «refrescar a memória da História» não serve para justificar o incumprimento dos estados-membros da União Europeia, por outro, acrescenta que permitir que a História caísse no esquecimento seria «voltar à estaca zero ou ao grau zero na Europa, seria como ter uma amnésia depois de três cabeçadas fortes na parede. Seria como se o muro tivesse caído mas se erguessem múltiplas paredes» (*ibid.*). Por seu turno, José Vítor Malheiros,⁴³ reagindo à proposta apresentada pelo comissário Europeu da Energia, o democrata-cristão alemão Günther Öttinger, para que fosse colocada a meia haste, nos edifícios comunitários, a bandeira dos países que não cumprem as regras financeiras da União Europeia,⁴⁴ os «pecadores do défice», critica de forma contundente, num artigo irónica e sintomaticamente intitulado «Alegremente a caminho da Nova Grande Alemanha», a ausência de um sentimento de solidariedade por parte do país de Merkel:

[...] as declarações de Öttinger são apenas o passo que se segue aos estereótipos racistas que a chanceler Merkel lança sobre os preguiçosos países do Sul e a União Europeia em bloco tem vindo a habituar-se a este lento declive de servilismo. Já sabemos que a Alemanha tem uma economia eficiente, uma indústria competitiva e uma enorme disciplina financeira. Já sabemos que não perdem tempo a rir e que estão decididos a ultrapassar o sentimento de culpa que os acabou no final do século XX e de cuja origem já não se lembram muito bem. O que não é compreensível, nem aceitável é que, a par do seu desenvolvimento industrial e perante uma história que deveria ter sido rica de ensinamentos, a direita alemã continue a evidenciar uma tão profunda displicência moral e um tão grande afastamento de qualquer noção de solidariedade internacional, que não é incompatível com a exigência e o rigor. A indústria e as finanças não servem de nada se não estiverem ao serviço de um projecto político que promova a

ocasionalmente com crónicas no jornal *Público* (cf. sítio do PS Seixal, URL: <http://www.samuelcruz.pt/candidatos/jose-assis/> [consultado em abril de 2013]).

⁴³ José Vítor Malheiros é professor convidado na Universidade Nova de Lisboa e colunista semanal no jornal *Público* (cf. informação pessoal disponibilizada pelo próprio no LinkedIn, URL: http://www.linkedin.com/in/jvmalheiros_ [consultado em outubro de 2012]).

⁴⁴ Sobre este assunto, vd. as polémicas declarações de Günther Öttinger em entrevista ao tabloide alemão *Bild* (*apud* Hören, 2011).

paz, o progresso e a justiça social. E estes não são alcançáveis a nível nacional. É essa a razão de ser da UE. A Alemanha já atravessou vários períodos de enorme desenvolvimento industrial e de grande acumulação de ouro nos seus cofres. Nem todos são recomendáveis. Porque temos esta incómoda sensação de que a Alemanha, apesar de todas as suas profissões de fé, não percebe isso? (Malheiros, 2011: 29).

Do parágrafo acima transcrito sobressai uma imagem bastante disfórica de uma Alemanha económica e tecnologicamente próspera que, todavia, hesita em dar a mão aos países seus vizinhos endividados. Manifestam-se dúvidas sobre a seriedade do compromisso alemão para com a integração europeia, levantando-se inevitavelmente a questão dos «fantasmas» do passado. Com efeito, no artigo «Europa: o desafio da crise»,⁴⁵ o político alemão Joschka Fischer, ligado ao partido Os Verdes,⁴⁶ alimenta o debate em torno do empenhamento da atual Alemanha na construção do projeto europeu, denominando o papel por aquela desempenhado de «estranho» e «bizarro» (cf. Fischer, 2012). Apesar de ser «a maior economia da Europa», «a principal potência da UE», a Alemanha «não quer nem é capaz de assumir a liderança» (cf. *ibid.*).

Analisados os textos vindos a lume na imprensa periódica portuguesa sobre a Unificação Alemã em 1990, bem como aqueles publicados mais recentemente, entre 2011 e 2012, sobre o papel da Alemanha no contexto da atual crise económica, é-nos possível alinhar algumas tendências de receção.

A Unificação Alemã teve obviamente uma ressonância significativa na imprensa portuguesa. Verificou-se em todos os periódicos analisados uma tendência generalizada para explorar a questão dos receios face ao gigante alemão, ainda que esta nem sempre tenha sido abordada exatamente com os mesmos contornos. Nos textos dados à estampa nos jornais *Expresso* e *Público*, intensificou-se a ideia de que a memória em relação ao passado da Alemanha impunha cautela. Foi por isso aplaudida, na totalidade dos textos publicados sobre esta matéria em todos os periódicos em apreço, uma reunificação

⁴⁵ Encontramos o texto original no sítio do Project Syndicate, um espaço *online* para o debate sobre cultura, política e economia, com o título «Vier Jahre Krise – die große Transformation der EU» (Fischer, 2012).

⁴⁶ Joschka Fischer, ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros da Alemanha e vice-chanceler do Governo de Gerhard Schröder (1998-2005), foi um dos fundadores do Partido Verde, que liderou durante duas décadas (cf. sítio do Project Syndicate, URL: <http://www.project-syndicate.org/contributor/joschka-fischer> [consultado em abril de 2013]).

da Alemanha sob «o chapéu» da Europa, sob as estruturas institucionais e normativas europeias, que pudessem «domesticar» o «colosso» e limitar as suas manifestas tendências hegemónicas. Muito embora esta tendência sobressaia também no *Diário de Notícias*, acaba por ser diluída neste periódico pela presença de testemunhos que enfatizam os esforços envidados pela nova Alemanha para demonstrar o seu empenhamento no projeto europeu. Reconhecemos também, ainda que subliminarmente, a tentativa para associar a apreensão instalada mais ao contexto de novidade e incerteza em relação à forma como seria concretizada a integração europeia, do que propriamente ao receio do ressurgimento de uma Alemanha belicista. O tom de desconfiança relativamente à nova Alemanha surge assim no *Diário de Notícias* mitigado por um discurso que lembra que aquela nação se submeteu à vontade dos países vizinhos e que tem consciência da sua responsabilidade no processo de união da Europa. A alusão às palavras do Presidente da República Federal da Alemanha Richard von Weizsäcker, do chanceler-federal Helmut Kohl e do então ministro dos Negócios Estrangeiros Hans-Dietrich Genscher, que sublinhavam precisamente o desejo de contribuir para a integração, estabilidade, paz e prosperidade da Europa, terá concorrido para veicular uma imagem mais positiva da Alemanha unificada e deixar vir à tona a ideia de que os receios não podiam representar um obstáculo para o início de uma nova era. Esta imagem de uma Alemanha que se esforça por mostrar que é merecedora de um voto de confiança por parte dos seus países vizinhos sobreleva da esmagadora maioria dos textos de receção n' *O Independente*, que tendem a valorizar as «consequências benéficas» da Unificação, demonstrando que os receios eram infundados.

Num artigo intitulado «A Queda do Muro de Berlim e a perspectiva da (Re)unificação Alemã nos semanários *Expresso* e *O Independente* (1989)», Ana Maria Ramalheira, docente do Departamento de Línguas da Universidade de Aveiro (Ramalheira, 2010),⁴⁷ alinhou um conjunto de pistas de reflexão que me orientou na análise do *corpus* coligido referente ao ano de 1990. Ana Maria Ramalheira, à semelhança do que verificámos no presente artigo, identificou

⁴⁷ É de salientar que o artigo «A Queda do Muro de Berlim e a perspectiva da (Re)unificação Alemã nos semanários *Expresso* e *O Independente* (1989)» de Ana Maria Ramalheira esteve na génese de todo o trabalho de investigação que tenho vindo a realizar no âmbito da temática em apreço. Na verdade, foi a Prof.^a Doutora Ana Maria Ramalheira que, na qualidade de minha orientadora, generosamente colocou à minha disposição aquele estudo, mesmo antes da sua publicação, e me incentivou a dar continuidade à investigação ali encetada.

nos textos publicados no *Expresso* por altura da Queda do Muro uma tendência para aplaudir a Alemanha unificada, mas também para destacar os receios face ao gigante alemão:

Se, por um lado, nas reportagens e nas crónicas publicadas no *Expresso*, a queda do Muro de Berlim foi bastante aplaudida e comparada, num tom euforizante, ao 25 de Abril de 1974 em Portugal, por outro lado, a perspectiva de uma Alemanha reunificada fez ressuscitar entre muitos dos articulistas afectos a este periódico uma série de imagens germanofóbicas, que culminaram com o agitar de vários fantasmas, incluindo o de um Quarto Reich (Ramalheira, 2010: 339).

Verifiquei a persistência da supramencionada imagem de uma Alemanha colossal, que metia medo, no conjunto de textos que coligi sobre a Unificação Alemã publicados pouco depois.

Na obra *Die deutsche Vereinigung von außen gesehen – Angst, Bedenken und Erwartungen in der ausländischen Presse*, a politóloga alemã Ines Lehmann debruçou-se sobre a receção da Unificação Alemã na imprensa periódica portuguesa (Lehmann, 1997). Ao longo de 31 páginas, publicadas no segundo dos quatro volumes que constituem esta sua obra, Lehmann faz uma análise genérica do tema em análise, designadamente nos diários *Público* (1990), *O Diário* (1976-1990) e o *Diário de Notícias* (1964), nos semanários *Expresso* (1972), *O Independente* (1988-2006) e *O Jornal* (1975-1992), e ainda na revista *Sábado* (1988-1993)⁴⁸ (cf. *ibid.*: 311-342), sublinhando o peso relativo das vozes que recebavam um possível regresso das movimentações neonazis e, principalmente, um ressurgimento da hegemonia política da Alemanha unificada (cf. *ibid.*: 337). Curiosamente, esta foi também uma das principais temáticas identificadas pela autora nos periódicos de referência franceses *Le Figaro*, *Le Monde*, *Libération*, *L'Humanité*, *L'Express*, *Le Nouvel Observateur*, *Le Point* e *L'Événement du jeudi* (cf. Lehmann, 1996: 431-740).⁴⁹ As conclusões

⁴⁸ A supramencionada revista *Sábado* foi fundada por Pedro Santana Lopes em 1988, distinguindo-se da atual *Sábado*, que, apesar de ter a mesma designação, se trata de uma outra *newsmagazine*, publicada pela primeira vez em maio de 2004.

⁴⁹ Sobre a receção desta temática na imprensa francesa, considere-se também a obra *Das vereinigte Deutschland der überregionalen Presse Frankreichs 1989 bis 1994* (2006), na qual Cary von Buttlar salienta que o povo francês tinha aceitado mais facilmente a Unificação Alemã do que os seus intelectuais e que este acontecimento, muito embora trouxesse à memória o carácter hegemónico do povo alemão durante o período

que apresenta no primeiro volume da sua obra conduzem-nos à hipótese de que a imprensa portuguesa terá sofrido influência da receção francesa, fazendo-se eco das suas principais tendências.⁵⁰

A análise dos testemunhos de receção relativos ao eixo cronológico de 2011/2012 permite-nos constatar que os antigos fantasmas teutónicos voltam a assombrar a Europa. De facto, verifica-se a permanência da imagem de uma superpotência alemã que insiste na sua vocação hegemónica. Os textos publicados nestes dois últimos anos manifestam um consenso generalizado de que a Alemanha deve colocar a sua prosperidade financeira ao serviço do projeto europeu, por forma a que a paz, o progresso e a justiça social possam continuar a ser assegurados. Um gesto de solidariedade desta Alemanha economicamente próspera politicamente influente permitiria, na opinião da maioria, «lavar» para sempre a sua imagem tendencialmente disfórica, e que tem vindo a intensificar-se com a crise europeia. Demonstrando ter plena consciência desta recente deterioração da imagem da Alemanha, Wolfgang Schäuble, antigo Ministro do Governo de Helmut Kohl e, presentemente, Ministro das Finanças do Governo de Angela Merkel, comparou, numa entrevista à estação de televisão alemã ZDF (*Zweites Deutsches Fernsehen*), as críticas que têm sido dirigidas à Alemanha por parte dos países em crise a uma certa inveja de que são alvo aqueles alunos que obtêm melhores resultados que os outros.⁵¹ Estas declarações, à semelhança das proferidas por Günther Öttinger, já aqui comentadas, em nada contribuem de facto para a pacificação dos receios generalizados em relação às tendências hegemónicas da Alemanha. O atual Presidente do Centro Económico e Social (CES) Silva Peneda reagiu às palavras de Schäuble, acusando-o de querer despertar antigos «fantasmas de guerra» na Europa (cf. Anónimo, 2013). O político português sublinha que estas declarações

compreendido entre 1871 e 1945, não teria abalado a imagem positiva da Alemanha cultural (cf. Buttlar, 2006: *passim*).

⁵⁰ Veja-se ainda, sobre a receção da Unificação Alemã na imprensa periódica diária suíça, o estudo *Die deutsche Einigung 1989-1990 aus der Sicht der ausgewählter Schweizer Tageszeitung* (2000), de Julia Schramm. A autora conclui que a tendência que mais fortemente se tinha revelado nas páginas dos periódicos suíços incidia na discussão em torno dos possíveis riscos do expansionismo alemão, ainda que também refira as vozes que se levantaram defendendo que não haveria que temer uma Alemanha unificada integrada na Comunidade Económica Europeia (cf. Schramm, 2000: 356-357).

⁵¹ Cf. vídeo da entrevista dada à ZDF por Wolfgang Schäuble em 25 de março de 2013, URL: <http://www.youtube.com/watch?v=MNql0T0Xxtg> [aos 5,06 minutos] (consultado em março de 2013).

apenas contribuirão «para desvalorizar, e até aniquilar, todos os progressos feitos na Europa com vista à consolidação da paz e da prosperidade, em liberdade e solidariedade» e lembra que, assim como não é desejável que os interesses alemães se sobreponham aos europeus, também não será positivo o desenvolvimento de sentimentos anti-Alemanha (cf. *ibid.*). Para Silva Peneda, Wolfgang Schäuble é «um dos responsáveis para que o projecto europeu esteja cada vez mais perto do fim» (cf. *ibid.*). De algumas declarações de Angela Merkel ressuma igualmente a negação do espírito europeu, na medida em que é projetada uma imagem negativa dos povos do Sul, tidos como indisciplinados, gastadores e preguiçosos.⁵² O projeto europeu enfrenta assim novos desafios e o seu futuro dependerá muito não só do caminho que o país política e economicamente mais poderoso da Europa escolher percorrer, mas também do caminho que os outros estados-membros desta comunidade o deixarem percorrer.

Bibliografia

1. Textos na imprensa periódica portuguesa (Unificação Alemã e a crise europeia atual)

[Anónimo] (2013), «Silva Peneda acusa ministro alemão de querer despertar “fantasmas de guerra” na Europa», *Público - Economia*, 27-03, URL: <http://www.publico.pt/economia/noticia/silva-peneda-acusa-ministro-alemao-de-querer-despertar-fantasmas-de-guerra-na-europa-1589358> [consultado em junho de 2013].

ASSIS, José (2011), «O primado invertido num plano inclinado», *Público*, 15-08, n.º 7800, p. 29.

BALDAIA, Paulo (2012), «Exma. Senhora Merkel», *Expresso*, 11-11, URL: http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=2878737&page=-1 [consultado em abril de 2013].

BELLO, Mónica (1990), «A 25.ª Hora», *O Independente*, 04-10, n.º 125, p. 28-29.

⁵² Sobre os estereótipos criados acerca dos «preguiçosos» países do Sul da Europa, vd. Böll/Böcking, 2011. Refira-se, a título de exemplo, o facto de Merkel, em defesa da unificação da idade de reforma e das férias na UE, ter afirmado que na Grécia, Espanha e Portugal não se devia poder reformar mais cedo do que na Alemanha e que não se podia ter uma moeda única, quando uns tinham mais férias do que outros (cf. Böll/Böcking, 2011).

- COELHO, Luís (1990), «Dois passatempos alemães», *Expresso – Revista*, n.º 935, 29-09, p. 12R-13R.
- COMPRIDO, João Baptista (1990), «A nova ponte europeia», *Diário de Notícias*, 10-08, n.º 44334, p. 8.
- Direção do *Público* (1990), «Nasceu um jornal», *Público*, 05-03, n.º 1, p. 17.
- ESPADA, João Carlos (1990), «Nós, a Alemanha e a Europa», *Público*, 03-07, n.º 121, p. 15.
- FERNANDES, José Manuel (1990), «A Europa e a Alemanha» – Editorial, *Público*, 01-07, n.º 119, p. 3.
- FERNANDES, José Manuel (2011), «Às vezes parecemos umas baratas tontas», *Público*, 19-08, n.º 7804, p. 31.
- FISCHER, Joschka (2012), «A Europa: o desafio da crise», *Público*, 03-10, n.º 8213, p. 46. (Título original: «Vier Jahre Krise – Die große Transformation der EU», *Project Syndicate*, 28-09, URL: <http://www.project-syndicate.org/commentary/ecb-euro-bundesbank-weidmann-merkel-draghi-by-joschka-fischer/german> [consultado em abril de 2013]).
- GUERREIRO, Maria Teresa (1990), «Ministro fustiga alemães e CEE», *Expresso*, 14-07, n.º 924, p. B3.
- HÉLDER, Eduardo (1990), «Um novo capítulo para a construção europeia», *Diário de Notícias*, 04-10, n.º 44389, p. 11.
- LEWIS, Flora (1990), «Agora a Europa move-se na direcção certa», *Diário de Notícias*, 27-07, n.º 44320, p. 7 (Título original: «Now a New Europe», *The New York Times*, 21-07, URL: <http://www.nytimes.com/1990/07/21/opinion/foreign-affairs-now-a-new-europe.html?ref=floralewis> [consultado em abril de 2013]).
- LEWIS, Flora (1990a), «Uma Europa maior e mais forte», *Diário de Notícias*, 21-09, n.º 44376, p. 28 (Título original: «Bigger or Stronger Europe?», *The New York Times*, 01-09, URL: <http://www.nytimes.com/1990/09/01/opinion/foreign-affairs-bigger-or-stronger-europe.html?ref=floralewis> [consultado em abril de 2013]).
- LUCAS, Ana Glória (1990), «Cumprido sonho e formalidade da reunificação», *Diário de Notícias*, 04-10, n.º 44389, p. 10.
- MALHEIROS, José Vitor (2011), «Alegremente a caminho da nova Grande Alemanha», *Público*, 13-09, n.º 7829, p. 29.
- MARTINS, Rogério (1990), «A nova era da Europa», *Público*, 01-07, n.º 119, p. 21.
- MONJARDINO, Miguel (2011), «A Alemanha e o Big Bang estratégico», *Expresso*, 20-08, n.º 2025, p. 5.

- MONJARDINO, Miguel (2011a), «A potência indispensável», *Expresso*, 01-10, n.º 2031, p. 35.
- MOURA, Vasco Graça (2012), «Merkel em visita», *Diário de Notícias*, 31-10, n.º 52433, p. 54.
- OLIVEIRA, Daniel (2011), «Alemanha e as lições da História», *Expresso*, 15-02, URL: <http://expresso.sapo.pt/alemanha-e-as-licoes-da-historia=f631998> [consultado em abril de 2013].
- PAULO, Jorge Silva (2012), «Geopolítica da desunião – mas sem guerra!», *Diário de Notícias*, 09-11, n.º 52442, p. 55.
- PEDRO, Ana Navarro / PEREIRA, Santos (1990), «Não recebem a reunificação», *Público*, 05-03, n.º 1, p. 14.
- PINTO, Jaime Nogueira (1990), «A liberdade pela unidade», *O Independente*, 28-09, n.º 124, p. 23-III.
- PIRES, Francisco Lucas (1990), «Portugal no novo século europeu», *Público – Suplemento Especial*, 05-03, n.º 1, p. 40-45.
- RAPOSO, Henrique (2011), «A solução da esquerda: odiar Merkel e a Alemanha», 27-06, URL: <http://expresso.sapo.pt/a-solucao-da-esquerda-odiar-merkel-e-a-alemanha=f657946> [consultado em abril de 2013].
- RIBEIRO, Daniel (1990), «Os fantasmas dos franceses», *Expresso*, 05-10, n.º 936, p. B5.
- ROSÁRIO, Daniel (2011), «Alemanha, a nova amiga da Europa», *Expresso*, 17-09, n.º 2029, p. 4.
- ROSENTHAL, Abraham Michael (1990), «O nosso futuro alemão», *Diário de Notícias*, 30-07, n.º 44323, p. 7.
- SOARES, João Viegas (1990), «Caiu o Pano», *O Independente*, 14-09, n.º 122, p. 27.
- SOARES, Manuela Goucha (1990), «A nova fronteira europeia», *Expresso*, 29-09, n.º 935, p. 13-R.

2. Outras obras, artigos e sítios na WWW

- [Anónimo] (1973), «O julgamento que nos compete», *Expresso*, 06-01, n.º 1, p. 8.
- [Anónimo] (1997), «Estatuto Editorial», *Diário de Notícias*, 29-12, n.º 47032, p. 14.
- [Anónimo] (2005), «Vasco Graça Moura – Biografia», *Centro de Documentação de Autores Portugueses – Direção Geral do Livro e das Bibliotecas*, URL: <http://>

- www.iplb.pt/sites/DGLB/Portugues/autores/Paginas/PesquisaAutores1.aspx?AutorId=8461 [consultado em abril de 2013].
- [Anónimo] (2008), «Paulo Baldaia é o novo diretor da TSF», *Público*, 16-01, URL: <http://www.publico.pt/media/noticia/paulo-baldaia-e-o-novo-diretor-da-tsf-1316855> [consultado em abril de 2013].
- [Anónimo] (2009), «Henrique Raposo, orador de Portugal em Exame», *Expresso-Economia*, 04-07, URL: <http://expresso.sapo.pt/henrique-raposo-orador-de-portugal-em-exame=f531710> [consultado em abril de 2013].
- ANDERSON, Jeffrey (1999), *German Unification and the Union of Europe: The Domestic Politics of Integration Policy*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BIRCHEN, Marc (2009), «The European Parliament and German unification», *Cardoc Journals*, Luxemburgo, Archive and Documentation Center – Directorate-General for the Presidency – European Parliament, n.º 5, URL: http://www.europarl.europa.eu/pdf/cardoc/23369_CARDOC_Reunification_EN_WEB.pdf [consultado em outubro de 2012].
- BOHNENKAMP, Björn / Schneider, Irmela (2005), «Medienkulturwissenschaft», in: LIEBRAND, Claudia, et al. (Hrsg.), *Einführung in die Medienkulturwissenschaft*, Münster, LIT Verlag, p. 35-48.
- BÖLL, Sven, BÖCKING, David (2011), «Euro-Krise: Mythos vom faulen Südeuropäer», *Spiegel Online*, 18-05, URL: <http://www.spiegel.de/wirtschaft/soziales/euro-krise-mythos-vom-faulen-suedeuropaeer-a-763366.html> [consultado em abril de 2013].
- BOURDON, Jérôme (2006), *Introdução aos Media*. Trad. port. de Manuela Antunes. Lisboa, Campo das Letras.
- BRITO, J. M. Brandão (s.d.), «Engenharia e desenvolvimento: o pensamento económico dos engenheiros», p. 9-10, URL: http://in3.dem.ist.utl.pt/msc_04history/aula_2_a.pdf [consultado em abril de 2013].
- BRUCK, Elke (2003), *François Mitterrands Deutschlandbild: Perzeption und Politik im Spannungsfeld deutschland-, europa- und sicherheitspolitischer Entscheidungen 1989-1992*, Frankfurt am Main [u. a.], Peter Lang.
- BUTTLAR, Cary von (2006), *Das vereinigte Deutschland in der überregionalen Presse Frankreichs 1989 bis 994*. Berlin, Duncker & Humblot.
- CASTILHO, José Manuel Tavares (1998), «O Marcelismo e a Construção Europeia», *Penélope*, n.º 18, p. 80, URL: http://www.penelope.ics.ul.pt/indices/penelope_18/18_07_Castilho.pdf [consultado em abril de 2013].
- COMPRIDO, João Baptista (1980), «Das Relações Internacionais», *Revista Nação e Defesa*, Instituto de Defesa Nacional, Ano V, Abril-Junho, n.º 14, p. 55,

- URL: http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2906/1/NeD014_JoaoBaptistaComprido.pdf [consultado em abril de 2013].
- COSTA, Ricardo (2013), «Daniel Oliveira abandona Bloco de Esquerda», *Expresso*, 05-03, URL: <http://expresso.sapo.pt/daniel-oliveira-abandona-bloco-de-esquerda=f791446> [consultado em abril de 2013].
- DUFF, Andrew (*et al.*) (eds.) (1996), *Maastricht and Beyond – Building the European Union*, London, Routledge.
- EMER, Kiziler (2012), «Die Imagologie als Arbeitsbereich de Komparatistik», *Uluslararası Avrasya Sosyal Bilimler Dergisi*, Cilt: 3483, Sayı: 8, URL: http://www.avrasyadergisi.com/Makaleler/1275068110_Die%20Imagologie%20als.pdf [consultado em abril de 2013].
- FÉLIX, Maria Teresa *et al.* (1992), *Tratado da União Europeia: apresentação comparativa do texto do Tratado assinado em Maastricht em 7 de Fevereiro de 1992 com o Tratado de Roma de 25 de Março de 1957 modificado nomeadamente pelo Acto Único Europeu de 17-28 de Fevereiro de 1986*, Lisboa, Assembleia da República.
- GÖLLER, Thomas (2000), *Kulturverstehen. Grundprobleme einer epistemologischen Theorie der Kulturalität und kulturellen Erkennens*, Würzburg, Königshausen u. Neumann.
- HÖREN, Dirk (2011), «Flaggen von Schulden – Sündern auf Halbmast setzen!», *Bild.de*, 08-09, URL: <http://www.bild.de/politik/inland/guenther-oettinger/schulden-suender-auf-halbmast-19843156.bild.html> [consultado em abril de 2013].
- KOHL, Helmut (1990), «Europa ist unser Schicksal», *UfD – CDU – Informationsdienst Union in Deutschland*, 25-01, n.º 3/90, p. 5-9, URL: http://www.kas.de/wf/doc/kas_27106-544-1-30.pdf?110902100951 [consultado em abril de 2013].
- (1990a), «Botschaft von Bundeskanzler Helmut Kohl an alle Regierungen der Welt, 3. Oktober 1990», *Chronik der Mauer*, URL: http://www.kas.de/wf/doc/kas_27106-544-1-30.pdf?110902100951 [consultado em abril de 2013].
- KROUSE, Sarah (2012), «Investing in PIIGS: Portugal», *Financial News*, 19-03, URL: <http://www.efinancialnews.com/story/2012-03-19/investing-in-piigs-portugal> [consultado em abril de 2013].
- LEHMANN, Ines (1996), *Die deutsche Vereinigung von außen gesehen – Angst, Bedenken und Erwartungen in der ausländischen Presse. Band I: Die Presse der Vereinigten Staaten, Großbritanniens und Frankreichs*, Frankfurt am Main, Peter Lang, p. 431-740.

- (1997), *Die deutsche Vereinigung von außen gesehen – Angst, Bedenken und Erwartungen in der ausländischen Presse. Band II: Die Presse Dänemarks, der Niederlande, Belgiens, Luxemburgs, Österreichs, der Schweiz, Italiens, Portugals, Spaniens und jüdische Reaktionen*, Frankfurt am Main, Peter Lang, p. 311-342.
- MACHADO, Álvaro Manuel / PAGEAUX, Daniel-Henri (2001), *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*, Lisboa, Editorial Presença.
- MOURO, Ana Luísa Santos Freire (2008), *A Unificação Alemã na Imprensa Periódica Portuguesa de Referência*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro.
- MOURO, Ana Luísa Santos Freire (2012), «A Metamorfose do Gigante Alemão – Subsídio para o Estudo da Receção da Unificação Alemã na Imprensa Periódica Portuguesa de Referência», *Actas do Congresso Internacional de Jovens Germanistas / III Fórum APEG «Em Trânsito – Cruzar Fronteiras na Germanística»*, *REAL: Revista de Estudos Alemães*, 21-05, p. 78-96, URL: http://real.fl.ul.pt/uploads/textos/476_Microsoft_Word_-_AnaMouro.pdf [consultado em abril de 2013].
- NÜNNING, Ansgar (Hrsg.) (2004), *Grundbegriffe der Literaturtheorie*, Stuttgart, Weimar, J.B. Metzler.
- PALAVRAS, Armando (2012), «O Autor – General José Alberto dos Santos», *Tempo Caminhado*, 03-02, URL: <http://tempocaminhado.blogspot.pt/2012/02/general-loureiro-dos-santos-guerra-na.html> [consultado em abril de 2013].
- RAMALHEIRA, Ana Maria Pinhão (2010), «A Queda do Muro de Berlim e a perspectiva da (Re)unificação Alemã nos semanários *Expresso* e *O Independente* (1989)», in: Delille, Maria Manuela Gouveia (coord.), *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários. Segundo Volume – Séculos XIX e XX*, Coimbra, Minerva/CIEG, p. 315-348.
- RAMOS, Rui (1986), *O Acto Único Europeu*, Coimbra, Comissão de Coordenação da Região Centro.
- REIS, António (coord.) (1993), *Portugal: 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- ROHR, Mathieu von, Zuber, Helene (2011), «Aufstand der Krisenkinder», *Der Spiegel*, 06-06, n.º 23/2011, p. 100-101, URL: <http://wissen.spiegel.de/wissen/image/show.html?did=78832467&aref=image049/2011/06/04/CO-SP-2011-023-0100-0101.PDF&thumb=false> [consultado em abril de 2013].
- «Schäuble: Grundlage für die beste Lösung», *ZDF Mediathek*, URL: <http://www.zdf.de/ZDFmediathek/beitrag/video/1869394/> [consultado em abril de 2013].

- SCHMIDT, Siegfried J. (ed.) (1992), «Medien, Kultur: Medienkultur. Ein konstruktivistisches Gesprächangebot», *Kognition und Gesellschaft. Volume 2 – Der Diskurs des Radikalen Konstruktivismus*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Taschenbuch Wissenschaft, p. 425-451.
- SCHRAMM, Julia (2000), *Die deutsche Einigung 1989-1990 aus der Sicht ausgewählter Schweizer Tageszeitungen*. Münster: LIT.
- SOUSA, Jorge Pedro (2009), «Um inovador no jornalismo português oitocentista – Eduardo Coelho e o *Diário de Notícias*», *Revista PJ: Jornalismo Brasileiro*, ano VI, novembro, n.º 12, 44 pág., URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-um-inovador-no-jornalismo-portugues-oitocentista.pdf> [consultado em abril 2013].
- SPIELBERG, Lee (2011), «A. M. Rosenthal Papers, 1959-2004», Manuscripts and Archive Division, The New York Public Library, p. v-vi, URL: http://www.nypl.org/sites/default/files/archivalcollections/pdf/17930_1.pdf [consultado em abril de 2013].
- TORGAL, Luís Reis (2009), *Estados Novos, Estado Novo: Ensaios de História Política e Cultural*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 563, 619, 625, URL: http://books.google.pt/books?id=1Po3JYKfsw0C&pg=PT569&lpg=PT565&ots=XKPbYDu_EE&dq=rogério+martins+governo+marcelista&hl=pt-PT [consultado em abril de 2013].
- WARREN, Ian B. (1994), «The “European New Right”: Defining and Defending Europe’s Heritage – An interview with Alain de Benoist», *The Journal of Historical Review*, março/abril, Vol. 14, n.º 2, p. 28-37, URL: http://ihr.org/jhr/v14/v14n2p28_Warren.html [consultado em abril 2013].
- WIMMER, Franz Martin (WS 2003/2004), «Interkulturelle Hermeneutik und Fremderfahrung», URL: <http://homepage.univie.ac.at/franz.martin.wimmer/stud-arbeiten/vo0304arbtaucher.pdf> [consultado em abril de 2013].
- WHITNEY, Craig R. (2002), “Flora Lewis, Astute Observer of World Affairs for The Times and Others, Dies at 79”, *The New York Times*, 02-06-2012, URL: <http://www.nytimes.com/2002/06/02/world/flora-lewis-astute-observer-of-world-affairs-for-the-times-and-others-dies-at-79.html?scp=3&sq=flora+lewis&st=cse&pagewanted=all> [consultado em abril de 2013].

RESUMO: A Unificação Alemã, assinada a 3 de outubro de 1990, acelerou o advento de uma nova era para a Europa, que via, a partir daquele momento, iniciado um processo de construção comunitária, assente nos princípios de união, solidariedade e cooperação. Torna-se interessante perceber como este acontecimento, com fortes repercussões no espaço

européu, foi recebido em Portugal, um dos chamados PIIGS, um acrónimo com óbvias conotações negativas, mas que tem tido uma fortuna excepcional, designadamente nos domínios económico e financeiro.* O *corpus* analisado (artigos de opinião, reportagens, notícias, entrevistas e editoriais) foi recolhido na imprensa periódica portuguesa de referência, nomeadamente nos semanários *Expresso* e *O Independente* e nos diários *Público* e *Diário de Notícias*, no período compreendido entre julho e dezembro de 1990. Foram ainda contempladas no estudo em apreço as edições dos referidos jornais publicadas de janeiro de 2011 a novembro de 2012, uma vez que o atual contexto de crise económica e política que se vive na Europa tem chamado de novo a atenção para a Alemanha e para a forma como esta tem vindo a assumir uma posição de comando nas instâncias de poder europeias, mormente nos domínios político e financeiro.

* O acrónimo PIGS foi inicialmente usado para descrever Portugal, Itália, Grécia e Espanha, os quatro países europeus periféricos com as Economias mais débeis. Em 2008 passou a PIIGS, com a integração da Irlanda, na sequência da crise bancária que entretanto veio também à tona neste país (cf. Krouse, 2012).

ABSTRACT: The German Unification, signed on 3rd 1990, accelerated the advent of a new era for Europe, which, from that moment, started the process of building a community based on the principles of unity, solidarity and cooperation. It is interesting to understand how this event, which had strong repercussions in Europe, was received in Portugal, one of the so-called PIIGS, an acronym with obvious negative connotations, but with strong projection in the economic and financial fields. The analysed *corpus* (opinion articles, reports, news, interviews and editorials) was collected from the quality Portuguese press, namely the weekly *Expresso* and *O Independente*, as well as from the daily *Público* and *Diário de Notícias*, in what the period from July to December 1990 is concerned. The editions that were published in the same newspapers from January 2011 to November 2012 were also taken into account, once the economic and political crisis we are now facing in Europe has drawn wider attention to Germany and to the way this country has been assuming a leading position among the European institutions, specially in the political and financial sectors.

* The acronym PIGS was originally used to describe Portugal, Italy, Greece and Spain, the four peripheral European countries with weaker economies. In 2008, the acronym became PIIGS, when Ireland, following the banking crisis that broke out, joined the group (cf. Krouse, 2012).